

Para além da mentalidade aberta: Política, epistemologia e o legado de “About Behaviorism”

Beyond open-mindedness: Politics, epistemology, and the legacy of “About Behaviorism”

Carlos Eduardo Lopes¹, Carolina Laurenti¹

(0000-0001-8311-297X), (0000-0002-5247-9610)

[1] Universidade Estadual de Maringá | **Título abreviado:** O legado de “About Behaviorism” | **Endereço para correspondência:** Carlos Eduardo Lopes. Avenida Colombo, 5790 - Jardim Universitário - Maringá/PR. CEP: 87020-900 - BLOCO 118 - Campus Sede | **Email:** celopes@uem.br | **doi:** 10.18761/AB50ABcc50101

Resumo: Este artigo reavalia *About Behaviorism*, de B. F. Skinner, em seus contextos político e epistemológico. Inicialmente, examinamos como o clima político dos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970, incluindo os movimentos por direitos civis e as tensões da Guerra Fria, contribuiu para associar o comportamentalismo ao autoritarismo e intensificou as críticas às ideias de Skinner. Em seguida, analisamos a ascensão do cognitivismo, em um cenário de defesa da noção de “mentalidade aberta” como ideal científico e cultural. Ao promover a flexibilidade conceitual e interdisciplinaridade como paradigmas da mente humana, esse ideal acabou por enfraquecer compromissos filosóficos explícitos. Sustentamos, alternativamente, uma crítica à mentalidade aberta como ideal, sem, no entanto, endossar uma postura fechada ou dogmática. Discutimos a atualidade desse diagnóstico, tanto no plano político quanto epistemológico, e destacamos a persistência de retóricas de abertura que despolitizam debates científicos e esvaziam identidades conceituais. Por fim, ressaltamos que a Análise do Comportamento desenvolvida no Brasil ainda é um campo fértil para delinear uma outra mentalidade, plural, crítica e filosoficamente compromissada, conforme sugerem os artigos reunidos neste volume especial.

Palavras-chave: About Behaviorism; análise do comportamento; identidade; dogmatismo; ecletismo.

Abstract: This paper reevaluates B. F. Skinner's *About Behaviorism* within its political and epistemological context. First, we examine how the U.S. political climate of the 1960s and 1970s, marked by civil rights movements and Cold War tensions, contributed to linking behaviorism with authoritarianism and increased criticism of Skinner's ideas. We then analyze the rise of cognitivism in connection with the defending of open-mindedness as both a scientific and a cultural ideal. By promoting conceptual flexibility and interdisciplinarity as paradigms of the human mind, this ideal tended to weaken explicit philosophical commitments. Against this background, we advance a critique of open-mindedness as an ideal, without endorsing a closed or dogmatic stance. We further consider the continued relevance of this diagnosis, arguing that appeals to openness may depoliticize scientific debates and blur conceptual identities. Finally, we highlight the Brazilian mentality, characterized by pluralism and critical engagement, as a promising alternative, as reflected in this special volume.

Keywords: *About Behaviorism*; Behavior Analysis; identity; dogmatism; eclecticism.

É comum apresentar *About Behaviorism* revisitando as vinte críticas dirigidas ao comportamentalismo que Skinner (1974) enumera na introdução do livro. Aqui, no entanto, propomos dar um passo atrás e situar a obra em um contexto mais amplo, no qual essas críticas estavam sendo formuladas. Trata-se de um contexto complexo, que se torna progressivamente menos favorável ao comportamentalismo nos Estados Unidos, o que ajuda a compreender a necessidade de uma resposta sistemática por parte de Skinner.

Seguimos esse caminho porque tal contextualização nos parece particularmente útil para avaliar a atualidade de *About Behaviorism* e, conseqüentemente, a proposta deste volume especial, que pretende reexaminar criticamente as discussões apresentadas nessa obra. Como veremos, algumas questões contemporâneas apresentam um “ar de família” com esse contexto original. Desse modo, para além de um registro histórico da teoria skinneriana, *About Behaviorism* pode oferecer pistas importantes sobre como enfrentar desafios atuais da Análise do Comportamento no Brasil.

Inicialmente, caracterizaremos o contexto de *About Behaviorism* a partir de duas dimensões inter-relacionadas: uma sociopolítica e outra epistemológica. Primeiro, exploraremos fontes de críticas sociopolíticas à Análise do Comportamento que se intensificaram entre as décadas de 1960 e 1970. Em seguida, descreveremos o contexto epistemológico marcado pela ascensão do cognitivismo e, em particular, da psicologia cognitiva, que se colocou explicitamente como principal adversária do comportamentalismo. Por fim, voltaremos nossa atenção para o cenário brasileiro contemporâneo, que parece colocar à Análise do Comportamento desafios análogos àqueles enfrentados pelo comportamentalismo nos Estados Unidos nos anos 1970.

O contexto das críticas sociopolíticas à Análise do Comportamento

Nos anos 1960, diversos movimentos sociais de luta pela dignidade de grupos marginalizados (como negros, povos indígenas, “chicanos”, homossexuais e mulheres), e pela ampliação das liberdades indivi-

duais espalharam-se pelos Estados Unidos (Gosse, 2005). Nesse cenário de intensa mobilização social, Skinner publica, em 1971, *Beyond Freedom and Dignity*, obra na qual questiona concepções tradicionais de liberdade e dignidade (Skinner, 1971). O uso recorrente do conceito de controle ao longo do livro, justamente em um contexto marcado pela defesa das liberdades, fez com que Skinner fosse sistematicamente atacado e associado ao autoritarismo (Cruz, 2010).

A recepção crítica apareceu já nas primeiras resenhas de *Beyond Freedom and Dignity* (Cruz, 2010; Skinner, 1984). Em janeiro de 1972, em um simpósio organizado pelo *Center for the Study of Democratic Institutions* para discutir a obra, as críticas também foram predominantes. Perelman (1973), por exemplo, questionou o otimismo de Skinner, lembrando que, historicamente, tecnologias do comportamento foram empregadas para promover a submissão:

Realmente, Skinner se compromete a nos mostrar que os métodos que ele defende poderiam conduzir a humanidade a “possibilidades maravilhosas”. Por que não a “possibilidades assustadoras”? No curso da história, todos os tipos de condicionamento vêm sendo utilizados pelos homens no poder para fazer com que seus súditos se submetam. Por que seria diferente nesse caso? (p. 124)

Black (1973) foi mais enfático, acusando Skinner de defender a manipulação dos seres humanos, ainda que essa defesa estivesse disfarçada por um vocabulário ambíguo, no qual termos como *controle* e *ambiente* seriam esvaziados de seu significado original:

A verdadeira doutrina de Skinner, mal disfarçada por sua habitual ambiguidade, defende a manipulação indiscriminada dos seres humanos, queiram eles ou não, para o seu próprio bem, ou melhor, para a sobrevivência da espécie . . . Diante do esquema de Skinner, podemos apenas ter a razoável certeza de que a

manipulação será mais favorável a um regime autoritário do que a uma sociedade democrática imperfeita – visto que apenas ditaduras, como sabemos, orgulham-se de sua “eficiência”. Mussolini gabava-se de ter feito os trens chegarem na hora certa; espera-se que um ditador skinneriano faça com que todos nós funcionemos na hora certa. (p. 128)

Outro aspecto relevante desse contexto diz respeito à dimensão aplicada da ciência do comportamento. No início dos anos 1970, a então nomeada “modificação do comportamento” passou a ser alvo de crescente desconfiança pública (Rutherford, 2009; Stolz et al., 1978). Algumas intervenções baseadas no manejo de contingências em prisões federais dos Estados Unidos foram denunciadas como violações de direitos humanos, o que levou à abertura de investigações e, posteriormente, à suspensão do financiamento de programas de pesquisa e intervenção nessa área (Rutherford, 2009).

Paralelamente, a *American Psychological Association* (APA) instituiu, em 1974, uma comissão para analisar intervenções de modificação do comportamento em contextos como hospitais psiquiátricos, escolas e prisões. O capítulo inicial do relatório dessa comissão sintetiza a preocupação central da época:

As pessoas têm medo de serem controladas. O fato de alguns analistas do comportamento terem alegado possuir amplas habilidades para controlar o comportamento de outras pessoas tem alimentado esse medo, assim como o tem feito a bastante publicizada crítica de Skinner aos conceitos tradicionais de liberdade e dignidade. (Stolz et al., 1978, p. 9)

Esse receio foi intensificado por produções culturais do período que, no contexto da Guerra Fria, enfatizavam os riscos do autoritarismo explicitamente associado ao regime soviético. Um exemplo emblemático foi a adaptação cinematográfica de *Laranja Mecânica*, lançada em 1971, que contribuiu para difundir a associação en-

tre técnicas de modificação do comportamento e práticas de “lavagem cerebral”. Tal associação tornou-se tão forte que foi mencionada na resposta da APA à decisão da *Law Enforcement Assistance Administration* (LEAA) de suspender o financiamento a programas de modificação do comportamento: “A ação da LEAA, em identificar toda modificação do comportamento com o tipo de condicionamento aversivo de Laranja Mecânica, resulta, assim, em uma injustiça ao público e aos presidiários” (citada por American Psychological Association Commission on Behavior Modification, 1978, p. xii).

Do ponto de vista sociopolítico, portanto, os anos 1970 foram marcados por críticas crescentes à proposta de Skinner (e a ele próprio), bem como à atuação da modificação do comportamento, frequentemente classificadas como autoritárias e desumanas. Em um contexto de Guerra Fria, tais objeções assumiam uma conotação específica nos Estados Unidos, posicionando Skinner como um potencial inimigo da democracia ocidental. Isso explica porque Skinner foi monitorado pelo FBI por vários anos (Wytt, 2000) e alvo de críticas nominais por parte de um congressista (Cornelius E. Gallagher) e de um vice-presidente dos Estados Unidos (Spiro T. Agnew) (Skinner, 1983).

O contexto das críticas epistemológicas ao comportamentalismo

No plano epistemológico, o principal adversário do comportamentalismo foi o cognitivismo, que emergiu em meados dos anos 1950 e ganhou força no final da década de 1960, impulsionado por amplo financiamento a pesquisas baseadas em modelos de “processamento de informação” (Bruner, 1990; Watrin & Darwich, 2012). Em 1960, George Miller e Jerome Bruner, colegas de Skinner em Harvard, fundaram o *Center for Cognitive Studies* (CCS), com o objetivo de desenvolver pesquisas e formar pesquisadores na matriz interdisciplinar da ciência cognitiva (Manzo, 2021). Em 1967, Ulric Neisser publicou o livro responsável por consolidar a expressão *psicologia cognitiva*, que passou a designar esse novo campo.

Ao longo dos anos 1970, a psicologia cognitiva se institucionalizou com a criação de periódicos especializados, como *Cognitive Psychology* e *Cognition* (Watrin & Darwich, 2012). Esse movimento ficou conhecido como “revolução cognitiva” e tinha como objetivo declarado “trazer a mente de volta às ciências humanas depois de um longo e frio inverno do objetivismo” (Bruner, 1990, p. 1). O principal representante desse objetivismo na psicologia era justamente o comportamentalismo, que se tornou alvo direto desse movimento, como destacou Jerome Bruner (1990) anos depois: “não queríamos reformar o comportamentalismo, mas substituí-lo” (p. 3).

De modo geral, o movimento “cognitivista” empregou argumentos predominantemente epistemológicos para justificar suas vantagens em relação ao comportamentalismo, tais como o valor heurístico dos modelos computacionais da mente, as virtudes da interdisciplinaridade e da flexibilidade metodológica, a capacidade de resolver problemas deixados em aberto por concepções “objetivistas”. Todavia, o avanço do cognitivismo esteve profundamente associado a fatores políticos e institucionais. Cohen-Cole (2014) mostra que, subjacente à revolução cognitiva, atuava o conceito de “mentalidade aberta”, concebido como um ideal de autonomia, criatividade e racionalidade, formulado simultaneamente como referência científica, intelectual e nacional. Nas palavras do autor:

Mentalidade aberta era um tipo de mente caracterizada pela autonomia, criatividade e uso da razão. Para especialistas científicos, intelectuais e políticos, esse tipo de eu [*self*] serviu simultaneamente como modelo e ideal de caráter intelectual e nacional. Eles projetaram na mente aberta suas aspirações para o caráter americano e a democracia pluralista liberal, para o pensamento científico e a investigação intelectual verdadeira. De fato, para alguns desses indivíduos a mente aberta transcendia o acadêmico e o político, uma vez que seus traços foram utilizados até mesmo como critérios para a própria natureza humana. (Cohen-Cole, 2014, pp. 1-2)

No contexto da Guerra Fria, a mentalidade aberta foi adotada pelos Estados Unidos como uma virtude que, a um só tempo, neutralizaria¹ o potencial transformador das revoltas internas e reafirmaria a superioridade do sistema capitalista. Assim, com o conceito de mentalidade aberta, a convulsão social dos anos 1960 e 1970 foi ressignificada como prova de que os Estados Unidos não reprimiam o livre pensamento, a divergência de opiniões, colocando-se como uma verdadeira democracia, diferente do que acontecia no bloco socialista de mentalidade fechada.

Provar que a mentalidade aberta era superior à mentalidade fechada era, portanto, provar que os Estados Unidos eram superiores à União Soviética, e que o sistema capitalista era superior ao socialista. Começa, então, um financiamento ostensivo de políticas para implementar a mentalidade aberta nos contextos acadêmicos:

Os membros da comunidade com maior responsabilidade por definir, promulgar e implementar o conceito de mentalidade aberta foram os fundadores da ciência cognitiva, cientistas sociais de destaque, representantes de agências de fomento à pesquisa e diretores de política científica. Com sede em Cambridge, em Harvard e no MIT, essa comunidade também tinha forte presença em New York, especialmente na Columbia University, na Ford Foundation e na Carnegie Corporation. Esses cientistas e financiadores estenderam sua influência a centros intelectuais em outras uni-

1 Uma forma de neutralizar protestos era classificando-os como antidemocráticos. Assim, o protesto passava a ser visto como um traço da mentalidade fechada, uma retórica que ganhava força com o fato de muitos dos movimentos sociais da época colocarem-se como anticapitalistas ou mesmo comunistas (Gosse, 2005). A mentalidade aberta não deixava de reconhecer os problemas sociais que eram o motivo dos protestos, mas buscava uma solução “civilizada”, assentada no diálogo e respeito pelos diferentes pontos de vista. Há alguns problemas com essa “solução”, como o fato dessa concepção ignorar as assimetrias de poder que desequilibram esses pontos de vista e “silenciam” as pessoas dominadas. Além disso, ela parece exigir ainda mais de quem já é dominado e explorado.

versidades que foram reestruturadas ou moldadas por suas ideias. (Cohen-Cole, 2014, pp. 2-3)

Contextos intelectuais menos acadêmicos (conferências abertas, festas beneficentes, jantares em clubes) também serviram para difundir o conceito de mentalidade aberta (Cohen-Cole, 2014). A forma "civilizada" das conversas, a variedade de temas abordados sem censura, a valorização dos encontros e das discussões que ocorriam nesses espaços, eram utilizadas como exemplos da mentalidade aberta dos intelectuais estadunidenses.

Seguindo a premissa de que a verdadeira natureza humana é representada pela mentalidade aberta, a psicologia cognitiva adotou esse tipo de mente como seu objeto de estudo, dando destaque para as "atividades cognitivas", como memória, criatividade e resolução de problemas. Além disso, do ponto de vista metodológico, as ciências cognitivas, em geral, e a psicologia cognitiva, em particular, surgem alinhadas a uma matriz interdisciplinar, afastando-se de "antigas" formas de produção de conhecimento. Como destaca Cohen-Cole (2014): "os pesquisadores que se apresentavam como interdisciplinares tiveram muito mais sucesso em atrair patrocínio externo e apoio de administradores universitários do que seus colegas de disciplinas específicas" (p. 5). Não é coincidência, portanto, o fato de o *Center for Cognitive Studies*, de Harvard, ter sido financiado pela *Carnegie Corporation*, um dos grandes apoiadores de iniciativas de difusão da mentalidade aberta (Manzo, 2021).

Nesse cenário, o comportamentalismo passou a funcionar como o antagonista ideal: rígido, disciplinar, autoritário, redutor da subjetividade humana. Em contraste, os cientistas cognitivos apresentavam-se como interdisciplinares, flexíveis e alinhados aos valores democráticos, fortalecendo a associação entre sua proposta científica e um ideal de humanidade essencialmente estadunidense. Passando novamente a palavra a Cohen-Cole (2014):

Afinal, o que era a personalidade autoritária senão desprovida de consciência e meramente responsiva a estímulos externos? E o que era o compromisso

comportamentalista com a pesquisa disciplinar senão rígido e limitado? À desolação dessa visão, os cientistas cognitivos ofereceram uma alternativa brilhante. Eles conceberam os humanos e suas psiques internas como independentes do ambiente, como autônomos e criativos. Eles apresentaram a si mesmos e ao seu trabalho como inclusivos de diversos campos do pensamento. Os cientistas cognitivos não apenas personificavam o caráter democrático, mas sua concepção de humanidade era mais atraente. Aceitar sua visão científica era descobrir que ser essencialmente americano era o mesmo que ser humano. (p. 6)

Discussões dessa natureza compuseram o cenário da publicação de *About Behaviorism*. A obra buscou responder a críticas recorrentes dirigidas ao comportamentalismo radical, consideradas por Skinner como infundadas, envolvendo questões epistemológicas (como conhecimento, razão, causalidade e explicação), psicológicas (percepção, pensamento, motivação e emoção) e ético-políticas (controle social e contracontrole).

O presente no passado?

Considerando a complexidade do contexto de publicação de *About Behaviorism*, é improvável que um único livro fosse capaz de resolver os desafios colocados ao comportamentalismo. Nos Estados Unidos, a substituição gradual de centros de pesquisa em Análise do Comportamento por programas de Psicologia Cognitiva e Neurociência, a partir dos anos 1980, sugere que essa disputa foi perdida (Roediger, 2004). A proclamada "década do cérebro", iniciada justamente no ano da morte de Skinner, consolidou o afastamento do estudo do comportamento como objeto em si mesmo. Um resultado mensurável é a queda acentuada de publicações relacionadas ao comportamentalismo, a partir do final dos anos 1970, em periódicos de psicologia influentes nos Estados Unidos (Zagania & Lombardi, 2024). Além disso, as controvérsias éti-

cas em torno da modificação do comportamento contribuíram para a especialização da Análise do Comportamento Aplicada, com a criação de sistemas de certificação profissional voltados, sobretudo, à atuação com pessoas com desenvolvimento atípico. No entanto, o sucesso dessa vertente parece decorrer mais da eficácia de técnicas específicas do que da adesão explícita a uma filosofia comportamentalista (ver Roediger, 2004).

No Brasil, entretanto, o percurso foi distinto. Em importantes centros de pesquisa e formação, observou-se a manutenção do projeto de uma ciência do comportamento ancorada na filosofia do comportamentalismo radical. Uma evidência disso é a presença de termos como *teoria e conceitual* em linhas de pesquisa de diferentes programas de pós-graduação brasileiros voltados para Análise do Comportamento (Todorov & Hanna, 2010).

Ainda assim, desafios persistem em nosso país. Em relação à formação em nível de graduação, Todorov e Hanna (2010) já haviam destacado que, excetuando alguns centros de referência, a formação em Análise do Comportamento no Brasil tinha graves falhas, com uma carga horária bastante reduzida, geralmente concentrada nos primeiros semestres dos cursos de psicologia. Algumas questões contemporâneas podem tornar esse cenário mais grave.

Em primeiro lugar, a deriva em direção às neurociências (e ao cérebro) parece estar ocorrendo em diferentes centros de pesquisa nacionais. Além do surgimento de programas de neurociências e comportamento em importantes universidades brasileiras (e.g., UFPA, UFMG, UFABC, USP), tem se tornado cada vez mais comum a menção às “neurociências” e ao “cérebro” em linhas de pesquisa de programas e de pesquisadores e pesquisadoras que tradicionalmente estiveram envolvidos com Análise do Comportamento.

Em segundo lugar, a concepção de psicologia como ciência natural, que está na base da Análise do Comportamento, está cada vez mais distante de ser aceita. Ainda que a dualidade “ciências naturais versus ciências humanas” possa ser questionada (Azoubel, 2019), institucionalmente ela ainda vigora em diferentes níveis. Um exemplo é a inserção da psicologia na Área de Ciências Humanas do Colégio de Humanidades da Capes, o que cria estranhamentos para uma sustentação da psicologia como ciência

natural. Ao mesmo tempo, programas de pós-graduação em psicologia que se apresentam como fundamentalmente interdisciplinares – oficializando uma diferença com as ciências humanas – são justamente de neurociências ou de psicobiologia (Capes, 2019). Nesse cenário, a Análise do Comportamento parece não encontrar lugar, aumentando as chances da migração para as neurociências.

Em terceiro lugar, o crescimento do interesse pela dimensão aplicada da Análise do Comportamento no Brasil, sobretudo voltada ao atendimento de pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro do autismo (TEA), tem lançado novos desafios à área (Freitas, 2022). Há poucas dúvidas de que o aumento da oferta desse serviço por profissionais não qualificados pode levar a falhas éticas semelhantes àquelas cometidas por modificadores do comportamento estadunidenses nos anos 1970. No entanto, o caminho percorrido nos Estados Unidos não é isento de problemas. Se, por um lado, a regulamentação da profissão aumenta o controle sobre os serviços, por outro, há uma grande chance de que a Análise do Comportamento seja reduzida à Análise do Comportamento Aplicada (popularmente conhecida pelo acrônimo ABA, derivado da expressão em inglês). Isso acontece quando o domínio de técnicas e cuidados éticos passa a ser suficiente para a certificação de um “analista do comportamento”, o que parece ser o caso dos Estados Unidos².

Todos esses elementos sugerem um problema recorrente: o enfraquecimento do compromisso com o comportamentalismo radical, entendido como filosofia da Análise do Comportamento. Enfatizar a importância dessa filosofia foi, justamente, o principal objetivo de *About Behaviorism*. Todavia, reafirmar o compromisso com a filosofia comportamentalista radical não seria um atestado de que analistas do comportamento são adeptos de uma mentalidade fechada? Não seria o caso de aderirmos à mentalidade aberta?

2 Atualmente, para a certificação de analista do comportamento nos Estados Unidos, o candidato deve ser aprovado em uma avaliação com 175 questões de múltipla escolha. Apenas 8 dessas questões (5% da prova) versam sobre “comportamentalismo e fundamentos filosóficos”; enquanto os “procedimentos de mudança de comportamento” aparecem em 25 questões (14% da prova), e as “questões éticas e profissionais” em 22 questões (13% da prova) (BCBA, 2025).

Para além da mentalidade aberta e da mentalidade fechada

A defesa de uma *mentalidade aberta* não parece ser uma saída satisfatória. Do ponto de vista político, trata-se de uma ideia que se constrói como supostamente democrática, pluralista e tolerante à divergência. No entanto, como mostrou Cohen-Cole (2014), essa imagem está longe de ser neutra: a mentalidade aberta foi historicamente mobilizada como um dispositivo ideológico alinhado aos interesses estadunidenses no contexto da Guerra Fria. Ao se apresentar como antítese da "mentalidade fechada" atribuída ao bloco socialista, ela funcionou como um marcador de superioridade moral, científica e política do capitalismo liberal, ao mesmo tempo em que neutralizava críticas internas mais radicais às estruturas de poder vigentes.

É nesse ponto que a análise skinneriana se mostra particularmente fecunda. Em *About Behaviorism*, Skinner retoma uma crítica já formulada em *Beyond Freedom and Dignity*: o discurso da liberdade, entendida como ausência de controle, opera como um mascaramento dos controles efetivamente em funcionamento. Ao negar o controle, desloca-se a atenção das contingências sociais que estabelecem o comportamento, muitas vezes mantendo, ou mesmo fomentando, relações de exploração e dominação. A mentalidade aberta, ao se definir como espaço irrestrito de diálogo e circulação de ideias, pode cumprir exatamente esta função: aparentar neutralidade e democracia enquanto preserva assimetrias profundas de poder, silenciando conflitos estruturais sob a retórica da pluralidade e da "civildade".

Do ponto de vista epistemológico, a mentalidade aberta também apresenta fragilidades importantes. Sua ênfase na flexibilidade, na interdisciplinaridade irrestrita e na superação de "velhos debates" tende a favorecer um tecnicismo "pragmático", sustentado por um utilitarismo conceitual, segundo o qual algo "serve" se "funciona" (ver Manzo, 2021). Nesse registro, pouco importa se os conceitos são flexibilizados de modo filosoficamente incoerente, se são utilizados em níveis distintos de análise sem mediações explícitas ou se perdem sua identidade epistemológica. Mais grave ainda, raramente se per-

gunta *para quem* algo funciona, em que contextos históricos e políticos, e a serviço de quais interesses. O resultado é um discurso muitas vezes vazio, que acumula técnicas e vocabulários sem compromisso com uma análise consistente do comportamento e de seus múltiplos controles.

Em contraste, em *About Behaviorism*, Skinner (1974) inaugura o livro indagando filosoficamente sobre sua proposta de ciência, não se eximindo de enfrentar questões cruciais:

Tal ciência é realmente possível? Ela pode explicar cada aspecto do comportamento humano? Quais métodos ela pode utilizar? As suas leis são tão válidas quanto as da física e da biologia? Ela conduzirá a uma tecnologia, e se sim, qual papel desempenhará nas questões humanas? (p. 3)

Nesse sentido, *About Behaviorism* pode ser lido como um resgate explícito desses compromissos filosóficos. O livro não se limita a responder críticas pontuais ao comportamentalismo; ele reafirma uma concepção de psicologia com objeto de estudo definido, critérios de identidade epistemológica – o comportamento em sentido próprio – e uma proposta interdisciplinar (seleção pelas consequências) que não se confunde com ecletismo. Trata-se de uma interdisciplinaridade que não perde de vista a coerência interna, afastando-se de uma simples justaposição "pragmática" de perspectivas. É essa coerência que também permite uma análise politicamente informada dos controles do comportamento, capaz de identificar tanto práticas explicitamente autoritárias quanto aquelas que se apresentam como supostamente democráticas e libertárias.

A crítica à mentalidade aberta, contudo, costuma ser imediatamente interpretada como uma defesa da mentalidade fechada. Nesse viés, a defesa de compromissos filosóficos, de critérios conceituais e de coerência teórica é lida como expressão de dogmatismo. O estudo de Skinner passaria a ser entendido como sinônimo de adesão acrítica a uma tradição superada, como se retomar textos skinnerianos fosse, por si só, uma evidência de mentalidade fechada. Abdicar de Skinner apare-

ceria como sinal de abertura intelectual: “muito já foi feito depois dele”, “já somos pós-skinnerianos”, “o passado foi superado”.

O problema é que esse suposto avanço frequentemente ocorre sem o conhecimento efetivo do próprio passado. Ler Skinner, estudar Skinner, revisitar *About Behaviorism* pode, de fato, ser expressão de uma mentalidade fechada, mas apenas se Skinner for tomado como dogma, como autoridade incontestável. Ao mesmo tempo, criticar o dogmatismo não implica necessariamente abandonar o estudo de Skinner; implica, diferentemente, continuar estudando-o de forma rigorosa, histórica e crítica. Recorrer a Skinner faz sentido porque há ali a proposta de um *sistema* de psicologia, com um objeto bem delimitado, critérios epistemológicos explícitos e ferramentas conceituais heurísticamente úteis para analisar o comportamento considerando as dimensões individuais, sociais e políticas (ver Laurenti & Lopes, 2023).

A crítica à mentalidade aberta não deve, portanto, ser confundida com a defesa do dogmatismo. A mentalidade aberta, quando tomada como valor absoluto, tende a sucumbir ao “canto da sereia”: seduz pela promessa de pluralismo irrestrito e flexibilidade, ao custo da perda de coerência conceitual, do apagamento das determinações políticas e do esvaziamento epistemológico.

Ter identidade teórica não significa estar encerrado em si mesmo. Significa, antes, dispor de critérios que permitam diálogo, revisão e transformação sem dissolução. Nesse ponto, o contexto brasileiro oferece uma oportunidade singular. A valorização da pesquisa teórica na Análise do Comportamento pode servir de base para a construção de uma mentalidade alternativa: plural, mas compromissada; aberta ao novo, mas sem abdicar de sua identidade. Em uma chave antropofágica, trata-se de assimilar, devorar e digerir criticamente novas propostas, articulando-as com compromissos filosóficos já estabelecidos (ver Abib, 2018).

É nessa direção que se insere este volume especial. Ao reunir autoras e autores dispostos a revisitar criticamente a obra de Skinner, avaliando suas limitações e potencialidades, evita-se tanto o dogmatismo quanto o ecletismo. A todas e todos que aceitaram esse convite, expressamos nosso sincero agradecimento. Esperamos que a leitura dos

artigos aqui reunidos instigue o desenvolvimento de outra mentalidade, uma mentalidade brasileira antropofágica – mais sensível às demandas do país, mais atenta a quem estamos servindo com nossas práticas científicas e profissionais – sem que, para isso, seja necessário abrir mão de nossa identidade como analistas do comportamento.

Referências

- Abib, J. A. D. (2018). Prólogo: Comportamentalismo antropofágico (pp. 17-18). In C. E. Lopes, C. Laurenti, & J. A. D. Abib. *Conversas pragmatistas sobre comportamentalismo radical* (2 ed. rev. ampl). CRV.
- American Psychological Association Commission on Behavior Modification (1978). Preface. In S. B. Stolz et al. (Orgs.), *Ethical issues in Behavior Modification: Report of the American Psychological Association Commission* (pp. xi-xvii). Jossey-Bass.
- Azoubel, M. S. (2019). Análise do comportamento para além do rótulo de ciência natural. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 21(2), 232-245. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v21i2.1216>
- BCBA (2025). *BCBA Test content outline - 6th ed.* Behavior Analyst Certification Board. Recuperado de: <https://www.bacb.com/wp-content/uploads/2022/01/BCBA-6th-Edition-Test-Content-Outline-240903-a.pdf>
- Black, M. (1973). Some aversive responses to a would-be reinforcer. In J. H. Wheeler (Ed.), *Beyond the punitive society* (pp. 125-134). W. H. Freeman and Company.
- Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. Harvard University Press.
- Capes (2019). *Documento de área – Área 37: Psicologia*. MEC. Recuperado de: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/psicologia-pdf>
- Cohen-Cole, J. (2014). *The open mind: Cold War politics and the sciences of human nature*. University of Chicago Press.
- Cruz, R. N. (2010). Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical. *Psicologia: Ciência e Profissão*,

- 30(3), 478-491. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300004>
- Freitas, L. A. B. (2022). Certificação profissional, Análise do Comportamento Aplicada e Transtorno do Espectro Autista: Contribuições para um debate. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 24(1), 1-29. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v24i1.1689>
- Gosse, V. (2005). *The movements of the New Left, 1950-1975*. Bedford.
- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2023). Science and Human Behavior como sistema de psicologia: Compreendendo o livro por sua estrutura. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(2), 76-89. <https://doi.org/10.18761/shb017023n>
- Manzo, G. (2021). Una historia del Centro de Estudios Cognitivos de Harvard en medio de la Guerra Fría. In *Memorias XIII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología* (pp. 59-62). Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. <http://jimemorias.psi.uba.ar/index.aspx?anio=2021>
- Perelman, C. (1974). Behaviorism's enlightened despotism. In J. H. Wheeler (Ed.), *Beyond the punitive society* (pp. 121-124). W. H. Freeman and Company.
- Roediger, H. L. (2004). What happened to behaviorism? *APS Observer*, 18(3). <https://www.psychologicalscience.org/observer/what-happened-to-behaviorism>
- Rutherford, A. (2009). *Beyond the box: B. F. Skinner's technology of behavior from laboratory to life*. University of Toronto Press.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1984). *A matter of consequences: Part three of an autobiography*. New York University Press.
- Stolz, S. B., Bijou, S. W., Frank, J., Friedman, P. R., Holland, J. G., Krasner, L., Lacey, H., Wexley, D., & Wilson, G. T. (1978). *Ethical issues in Behavior Modification: Report of the American Psychological Association Commission*. Jossey-Bass.
- Todorov, J. C., & Hanna, E. S. (2010). Análise do comportamento no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(especial), 143-153. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistattp/article/view/17513>
- Watrin, J. P., & Darwich, R. (2012). On behaviorism in the cognitive revolution. *Review of General Psychology*, 16(3), 269-282. <https://doi.org/10.1037/a0026766>
- Wyatt, W. J. (2000). Behavioral science in the crosshairs: The FBI file on B. F. Skinner. *Behavior and Social Issues*, 10, 101-109. <https://doi.org/10.5210/bsi.v10i0.128>
- Zagania, A. & Lombardi, L. (2024). A new perspective on trends in psychology. *New Ideas in Psychology*, 74, 101078. <https://doi.org/10.1016/j.newideapsych.2024.101078>

Histórico do Artigo

Data da publicação: 04/02/2026